

TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NA CRECHE: a busca de lugares de desenvolvimento

Ana Rosa Costa Picanço Moreira *

Vera Maria Ramos de Vasconcelos **

RESUMO

O trabalho busca investigar como crianças de 04 a 23 meses e seus educadores organizam e transformam o espaço/lugar da creche. Utilizamos o *estudo de caso* como método para avaliar como o ambiente para crianças pequenas tem sido planejado pelos educadores. Analisamos os critérios de seleção e disposição do mobiliário e equipamentos. Investigamos as transformações espaciais ocorridas nas salas de atividades de 3 berçários (1 BI e 2 BII) organizadas pelos educadores, orientadas pela direção, em parceria com a equipe de pesquisa de 2006 a 2008, numa creche institucional do município do Rio de Janeiro.¹ Foram introduzidos estruturadores espaciais e realizadas fotografias, oficinas e sessões reflexivas com os educadores, quando discutimos nossas propostas de investigação, levando-os a construir um olhar investigativo e reflexivo sobre os ambientes construídos. À medida que os educadores participaram da pesquisa, a organização do espaço ganhou um *lugar* diferenciado no trabalho pedagógico, deixando de ser elemento secundário de seus planejamentos. Os educadores puderam redimensionar a própria compreensão dos aspectos espaciais na ação pedagógica, potencializando os ambientes das salas de atividades. Igualmente, contribuímos para a formação permanente da creche, provocando um repensar coletivo das ações cotidianas naturalizadas, levando-os a entender que o espaço é pedagógico.

Palavras-chave: Creche – Ambiente – Crianças pequenas

ABSTRACT

TRANSFORMING SPACE IN CHILD CARE CENTERS: a search for places of development

This work analyzes how children from 4 to 23 months of age and their educators organize and transform the space/place of their child care center. We use the *case study* as a method for looking at how the environment for young children has been

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED/UERJ, Brasil. Psicóloga. Mestre em Psicologia Social pela UGF/RJ. Endereço para correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524, bloco F, sala 12005. Maracanã – 20550-990 Rio de Janeiro/RJ. E-mail: anarosamaio@uol.com.br

** PhD pela University of Sussex, UK (1987), com Pós-doutorado na Universidade de Carolina do Norte, Chapel Hill, USA (1994). Professora titular/orientadora de Educação Infantil na FE/UERJ e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED/UERJ, Brasil. Endereço para correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524, bloco F, sala 12005. Maracanã – 20550-990 Rio de Janeiro/RJ. E-mail: vmrv@openlink.com.br

¹ As autoras agradecem à equipe da Creche Institucional Dr Paulo Niemeyer, em especial à sua diretora, Prof^ª Rosângela Almeida de Oliveira, e à FAPERJ pelo apoio financeiro à pesquisa.

planned out by educators. We analyze the criteria for selection and arrangement of furniture and equipment. To that end, we investigated the spatial transformations that took place in 3 nursery rooms (1 y-old and 2 y-old) at an institutional daycare center in the city of Rio de Janeiro between 2006 and 2008. We analyzed the way in which they were organized by educators under the direction of managers working together with the research team. Spatial structures were introduced, photographs were taken, and workshops were performed, along with brainstorming sessions with the educators where our lines of investigation were discussed, leading them to develop an investigative and reflective glance toward the environments that were being created. As the educators participated in the research, the spatial organization gained an enhanced *role* in their pedagogic work, no longer being relegated to a secondary consideration in their planning. The educators were able to rethink their own understanding of the spatial aspects of their pedagogical activities, increasing the potential of the environments in the activity room. At the same time, we contributed to the permanent arrangement of the day care center, stimulating a collective rethinking of the natural flow of everyday activities, and helping them keep in mind the fact that *space* is a pedagogical element of daycare.

Keywords: Daycare center – Environment – Young children

INTRODUÇÃO

A organização do ambiente físico apresenta-se como um dos elementos-chave na educação de crianças pequenas. De acordo com os Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006), a organização espacial constitui-se numa das referências funcionais e estéticas dos ambientes físicos, devendo, portanto, receber destaque especial na proposta pedagógica da creche. Igualmente, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 1999), o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2000) concebem os aspectos do ambiente como “elementos essenciais do projeto educativo”, salientando tanto a estruturação do espaço quanto o arranjo espacial.²

Faria (1999) destaca o espaço físico como um dos itens fundamentais para uma Pedagogia da Infância, colocando que: “... o espaço físico de qualquer tipo de centro de Educação Infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos (...) e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis.” (p.70-71).

A seleção e o uso de materiais, mobílias, brinquedos, equipamentos, bem como a sua arrumação no espaço não são feitos aleatoriamente; ao contrário, o ambiente é um elemento constitutivo do processo educacional que expressa as concepções de infância, desenvolvimento e educação nas quais a instituição se pauta, além de definir as expectativas que tem de seus usuários – crianças e adultos. Por isso, pode-se dizer que a organização espacial das salas de atividade, longe de ser um mero pano-de-fundo, apresenta-se como “parceiro pedagógico dos educadores” para a realização da sua prática cotidiana (HORN, 2005). Acrescentam Santana et al (2002) que o arranjo espacial tanto pode contribuir para a dependência, como para a autonomia da criança, sendo esse um elemento integrador do contexto de educação infantil. Entendemos, como Frago e Escolano (2001), que “o espaço-escolar é também uma construção cultural e, portanto, histórica (p. 46).” Nesse sentido, a ar-

² Termo utilizado primeiramente por Alan Legendre, em 1983, para se referir tanto aos aspectos quantitativos (materiais e equipamentos disponíveis e elementos arquitetônicos) como aos qualitativos (configuração geral do local) de um determinado espaço físico. No artigo “Organização do espaço em instituições pré-escolares”, Campos-de-Carvalho e Rubiano, em 1994, destacam os aspectos qualitativos do ambiente, concebendo de que maneira os móveis e equipamentos existentes num local estão posicionados entre si.

rumação das salas de atividades deve ser cuidadosamente planejada de modo a favorecer interações de crianças e dessas com adultos, mais autônomas e cooperativas.

Oliveira (2002) ressalta que as interações criança-criança apresentam uma riqueza de conteúdos incontestável, entretanto elas ganham diferentes contornos de acordo com o contexto em que se encontram. Assim, "... preparar um contexto para a emergência de interações promotoras do desenvolvimento subordina-se à necessidade de que o arranjo das condições de aprendizagem articule adequadamente conteúdos, atividades, horários, espaços, objetos e parceiros disponíveis." (p. 191).

Com base nesses pressupostos, este trabalho procura investigar e discutir como os espaços/lugares das salas de atividades das crianças de 04 a 23 meses de três turmas de berçário (Berçários I e II³) têm sido organizados pelos educadores e pela direção da creche durante os dois últimos anos, período esse da parceria do Núcleo de Estudos da Infância: Pesquisa e Extensão (NEI: P&E/UERJ) com a Creche Institucional Doutor Paulo Niemeyer. Inicialmente, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre o tema de estudo e, em seguida, apresentaremos os percursos metodológicos até aqui adotados, com o propósito de conquistar a equipe de professores/educadores da unidade a participar como co-construtores desta pesquisa.

A interface: organização espacial e desenvolvimento infantil

Vários pesquisadores têm voltado sua atenção para as influências do ambiente físico e o seu papel de facilitador ou não de contatos, principalmente entre crianças pequenas. David e Weinstein (1987) e Campos-de-Carvalho (2000) chamam a atenção para as influências das características do espaço físico no desenvolvimento, enfatizando que os ambientes destinados a crianças deveriam desempenhar funções relacionadas ao desenvolvimento, tais como a de promover a identidade pessoal através da personalização de espaços e objetos; propiciar o desenvolvimento da autonomia na execução de suas atividades; oferecer oportunidades para a expressão dos movimentos e sentidos; possibilitar

tanto contatos com os companheiros (crianças e adultos), quanto momentos de privacidade e, por fim, propiciar segurança e confiança para explorar o meio. Sobre esta última função, Olds (1987) alerta para a importância da organização de um ambiente simultaneamente seguro e desafiador.

Pode-se dizer que o estudo sobre a influência dos arranjos espaciais no comportamento infantil em creches, no Brasil, tem como referência internacional as pesquisas de Legendre (1983, 1985, 1987, 2000) e, no plano nacional, as investigações de Campos-de-Carvalho (1990, 1993, 2004), na área da Psicologia. Esses autores têm privilegiado como metodologia o experimento ecológico (BRONFRENBRENNER, 1977; LEGENDRE, 1985), isto é, a manipulação sistemática de uma única variável (a da investigação), mantendo os outros elementos do ambiente presentes e preservando, na medida do possível, o sistema de interdependência dos componentes ambientais.

Legendre vem estudando o papel dos arranjos espaciais como suporte para as interações de crianças pequenas em creches francesas, há mais de 20 anos. Os dados têm sido coletados durante as atividades livres, mediante a videogravação. Os primeiros experimentos (LEGENDRE, 1983, 1985, 1987) lhe permitiram elaborar três grandes categorias de arranjos espaciais e a definição de zonas espaciais, de acordo com o nível de estruturação dos ambientes. O **arranjo semi-aberto** é aquele que permite à criança ter visão de todo o ambiente e apresenta zonas estruturadas do tipo circunscritas. As zonas circunscritas (ZC) caracterizam-se por uma delimitação de, no mínimo, três barreiras formadas por objetos, mobiliário ou elementos da arquitetura fechando uma área. Podem ser ilustradas por uma casinha de boneca, por um palco de teatro de fantoche ou por um cantinho com divisórias baixas. Este arranjo espacial oferece às crianças um ambiente simultaneamente diversificado e estável, atendendo às necessidades de segurança, por permitir a visualização de outras crianças e do adulto. Por isso, tem sido o arranjo mais favorável à ocorrência de interações intensas e duradouras de crianças.

³ O Berçário I contempla crianças de 04 a 11 meses e os 2 Berçários II, crianças de 12 a 23 meses.

O **arranjo aberto** não apresenta zonas circunscritas; pelo contrário, apresenta o espaço central livre favorecendo a proximidade e maior dependência das crianças, visto que os adultos funcionam como estruturadores privilegiados do ambiente (estruturadores sociais). Geralmente, esse tipo de arranjo espacial é o mais encontrado nas salas da educação infantil, especialmente nas de crianças com idades entre 1 e 3 anos.

O **arranjo fechado** é identificado pela presença de barreiras altas que impedem a apreensão pela criança do ambiente na sua totalidade e as incentiva a permanecer em uma das áreas criadas, preferencialmente em volta do adulto, suscitando poucas interações de crianças.

Com base nas pesquisas de Legendre, Campos-de-Carvalho (1990) iniciou uma série de estudos investigando a relação entre o tipo de arranjo espacial e o uso dos ambientes voltados para a realização de atividades físicas de crianças de baixa renda, com idades entre 2 e 3 anos, em duas creches da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. Os dados foram coletados através da fotografia buscando captar a associação de pares e a distribuição das crianças pelo espaço nos três tipos de organização espacial: arranjo espacial aberto amplo e vazio, sem zonas circunscritas (fase 1), arranjo espacial aberto com espaço central amplo e vazio e a introdução de estantes nas laterais (fase 2) e arranjo espacial semi-aberto com zonas circunscritas (fase 3). Os resultados apontaram para uma tendência das crianças se concentrarem nas zonas mais estruturadas do ambiente, ou seja, na zona do adulto (fase 1), nas zonas estruturadas por estantes (fase 2) e nas zonas circunscritas (fase 3), sinalizando a importância do ambiente estar estruturado para propiciar interações de crianças. Portanto, quanto menos estruturado for o ambiente maior é a concentração de crianças em volta do adulto.

A partir de então, Campos-de-Carvalho e seus colaboradores vêm ampliando esses estudos, realizando novas análises em creches de outras naturezas (creche da USP e creches públicas), no município de Ribeirão Preto, com sujeitos de idades diferentes (crianças de 1-2 anos e 3-4 anos) e utilizando a videogravação (MENEHINI & CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003).

Campos-de-Carvalho, Meneghini e Mingorance (1996) fizeram uma re-análise dos dados para verificar a ocorrência de pares infantis em cada tipo de arranjo espacial. Foi observado que as áreas de maior estruturação espacial favorecem a ocorrência de parcerias entre crianças e a diminuição de parcerias com o adulto.

Posteriormente, Meneghini e Campos-de-Carvalho (1997) investigaram, a partir do mesmo material, a formação de agrupamentos com mais crianças (díades, tríades, políades). Os resultados mostraram que as díades foram mais frequentes nos três arranjos, embora tenha ocorrido um aumento dos agrupamentos entre crianças nas áreas de maior estruturação espacial. Este estudo sugere que a estruturação espacial possibilita a ocorrência de agrupamentos com maior número de crianças.

Campos-de-Carvalho e Padovani (2000) também realizaram uma nova análise dos agrupamentos que apareciam nas fotos e construíram as categorias “preferenciais” e “ocasionais”. Esse estudo demonstrou que os agrupamentos preferenciais e ocasionais intensificaram-se no ambiente de maior grau de estruturação (fase 3); os dois tipos de agrupamento ocorreram com mais frequência nas fases 2 e 3; e, na fase 1, os agrupamentos ocorreram em volta do adulto, sendo que os agrupamentos ocasionais superaram significativamente os escores obtidos na fase 3.

Campos-de-Carvalho e Mingorance (1999) investigaram as preferências das crianças por zonas circunscritas, examinando o papel da circunscrição e superfície de apoio (encontrada nas estantes para a construção de ZsCs⁴). Esta pesquisa investigou crianças com idades de 2-3 anos na creche da USP-Ribeirão Preto utilizando três câmeras de videoteipe para a coleta dos dados. Os resultados destacaram as ZsCs com apoio como as mais procuradas pelas crianças.

Também Bonfim (2002, “citado por” BONFIM, 2006) evidenciou a importância da estruturação espacial por meio da construção de ZsCs no con-

⁴ As zonas circunscritas (ZC) caracterizam-se por uma delimitação de, no mínimo, três barreiras formadas por objetos, mobiliário ou elementos da arquitetura, fechando uma área. Podem ser ilustradas por uma casinha de boneca, por um palco de teatro de fantoche ou por um cantinho com divisórias baixas.

tato entre crianças com idades entre 1 e 4 anos e delas com a educadora, em duas creches municipais de Ribeirão Preto. Foi utilizada a videogravação para coletar os dados em três arranjos espaciais (fases 1 e 2 sem ZC - respectivamente espaço amplo e vazio e espaço com estantes baixas nas laterais - e fase 3 com ZC). Dentre os resultados encontrados, destaca-se a especificidade do papel do arranjo espacial para as crianças de 1-2 anos, qual seja, as zonas circunscritas e a área ao redor do adulto foram ocupadas com frequência similar, sugerindo que, em qualquer arranjo espacial, as crianças pequenas precisam estar próximas da educadora.

Mais recentemente, essa autora (2006) investigou quatro novos grupos de crianças de 1-2 anos naqueles três arranjos espaciais, em quatro creches públicas, comparando-os com os resultados obtidos no estudo anterior. Foram analisadas quatro categorias comportamentais: atividade individual, espectador, troca social e comportamento socialmente dirigido. Dessas, a atividade individual, na maioria dos arranjos espaciais e creches, foi a mais freqüente, enquanto o comportamento socialmente dirigido foi o menos freqüente. Em relação à organização social, os resultados mostraram que as áreas formadas pelas estantes baixas, encostadas nas paredes, e as ZsCs são importantes, devendo estar presentes no ambiente de educação dos pequenos.

Moreira (1992) seguiu a mesma metodologia dos estudos anteriormente citados e também destacou a organização espacial das creches como parte da proposta pedagógica. O estudo foi conduzido em uma creche filantrópica do Rio de Janeiro com crianças de 2 anos de idade. Foram analisadas diferentes categorias de interação de crianças (atenção participante, tentativa, imitação, brincadeira complementar agonística e não-agonística⁵), interação de crianças com a educadora (relação simétrica e assimétrica de papéis) e interação com o meio físico (exploração e observação) em dois tipos de arranjo espacial: original (presença de uma ZC formada pela própria arquitetura) e transformado (introdução de duas divisórias baixas de lona em dois cantos do pátio). Os resultados mostraram que o espaço físico transformado promoveu maior distribuição das crianças pelo espaço, com o

predomínio da imitação de brincadeiras motoras. As interações das crianças com a educadora foram freqüentemente simétricas, mostrando maior autonomia em suas brincadeiras.

Apesar de os estudos citados demonstrarem que a organização espacial afeta significativamente as interações das crianças, e dessas com os adultos e com o meio físico, principalmente em relação às suas preferências espaciais, a organização dos ambientes ainda é pouco explorada nos projetos pedagógicos, limitando-se, muitas vezes, à menção da necessidade de haver espaços amplos para o exercício dos movimentos e rico de estímulos (cores, formas e tamanhos diversos dos objetos). Compartilhamos com Frago e Escolano (2001) a ideia de que o tempo, o espaço e a linguagem são elementos cruciais para a compreensão do social, seja no âmbito individual ou interpessoal.

Assim sendo, acreditar que exista uma forma ideal e única de se organizarem espaços de educação infantil é um grande erro, pois crianças e adultos estão em desenvolvimento constante, o que nos obriga a pensar que, se os sujeitos se transformam, os ambientes precisam acompanhá-los. Pode-se dizer que o melhor espaço para as crianças se desenvolverem é sempre o espaço que oferece possibilidades de ser mexido e transformado (SANTANA et al, 2002).

De acordo com Lima (1989), "... é preciso, pois, deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através da sua própria ação." (p.72).

É através da apropriação que a criança pode transformar o espaço em lugar, isto é, ao se apropriar do espaço ela lhe confere sentido, sentindo-se parte dele (LIMA, 1989).

A criança pequena apreende o espaço com base nas suas percepções, que são fortemente carregadas de afetividade, através de suas vivências sen-

⁵ Brincadeira complementar agonística refere-se à atividade comum entre crianças na qual a sequência completa das ações é repartida entre os participantes de modo competitivo. Por exemplo, quando as crianças disputam a posse de um mesmo objeto, sem a possibilidade de dividi-lo ou de explorá-lo em conjunto. A brincadeira complementar não-agonística caracteriza-se pela divisão do objeto. Por exemplo, quando as crianças exploram juntas o mesmo objeto.

sório-motoras e culturais. Tuan (1983) destaca a relação afetiva, presente nas interações pessoa-ambiente, que transforma o espaço em lugar, ou seja, aquilo que inicialmente se apresentava como algo indiferente e abstrato – o espaço –, na medida em que é sentido, ganha significado próprio (ou seja, “sentido”, na perspectiva vygotskiana) e transforma-se em lugar. Esse processo de afeiçoamento ao espaço é chamado, por Tuan, de **topofilia** (LOPES, 2007; COELHO, 2007).

O caminho metodológico – construindo lugares para o desenvolvimento infantil

O local escolhido para a realização da pesquisa foi a Creche Institucional Dr. Paulo Niemeyer⁶, inaugurada em julho de 2004. Atende a filhos de funcionários da prefeitura do Rio de Janeiro e está vinculada à Secretaria Municipal de Administração/Coordenadoria de Valorização do Servidor e ao PREVI- RIO. Recebe 156 crianças (manhã e tarde), das quais 25 estão no Berçário I (4 a 11 meses), 43 em dois Berçários II (12 a 23 meses), 40 em dois Maternais I (24 a 35 meses), 48 em duas turmas de Maternal II (36 a 47 meses). O número de educadores é de 42, dos quais 18 atuam no turno da manhã, 6 no período intermediário e 18 no turno da tarde. Muitos têm formação de magistério e, em sua maioria, são alunos dos cursos de graduação em pedagogia, educação física e letras (OLIVEIRA, 2007).

Utilizamos o *estudo de caso* como método para investigar como o ambiente para crianças pequenas tem sido planejado pelos educadores. Analisamos os critérios de seleção e disposição do mobiliário e equipamentos.

Neste trabalho, apresentaremos os passos iniciais da investigação das transformações espaciais ocorridas nas salas de atividades, orientadas pela direção em parceria com o grupo de pesquisa. Para isso, discutimos nossas propostas de investigação com os educadores, levando-os a construir um olhar investigativo e reflexivo sobre os ambientes construídos.

O período inicial caracterizou-se por um período exploratório, a partir do segundo semestre de

2006. Na primeira etapa, entregamos a cada equipe de educadores de turma uma máquina fotográfica descartável, para que fossem registrados os ambientes da creche que mais lhe chamassem atenção. O resultado foi a produção de 48 fotografias, registrando as áreas de suas salas que apresentavam “problemas”, tanto em relação à quantidade, quanto à qualidade de elementos espaciais. As fotos demonstravam armários com portas quebradas, prateleiras que comportavam simultaneamente materiais pedagógicos e pertences das crianças, divisórias despencadas, berços enfileirados que tomavam grande parte da sala do Berçário I, espaços vazios e ausência de espelho.

A segunda etapa constou da análise das fotografias, com os educadores, em *sessão reflexiva*⁷, onde foi possível discutir sobre a relação entre a prática pedagógica e a organização espacial das salas. Com essa metodologia, buscamos problematizar aquilo que estava *naturalizado* pelos educadores, criando possibilidades de emergir novas leituras da prática educativa naqueles ambientes e soluções para os problemas apresentados. Como resultado, cada equipe de educadores de turma procurou amenizar os problemas das salas, improvisando algumas saídas, como colocar um barbanete na porta da divisória e ganchos de plástico na porta do armário, para mantê-los fechados, e prender uma cortina na frente da estante, para isolar das crianças o material dos educadores.

A terceira etapa foi marcada pela realização de uma oficina de *caixas-ambiente*⁸, na qual os educadores foram incentivados a construir em caixas de sapatos as salas de atividade no “modo como gostariam que elas fossem”. O resultado foi a produção de ambientes que apresentavam uma série de elementos estruturadores, como espelho, cantininhos, prateleiras baixas para os brinquedos, armários suspensos para o material dos educadores,

⁶ Nome escolhido em homenagem ao grande médico de renome internacional, que faleceu em março de 2004.

⁷ Segundo Szundy (2005, p.90, citado por Silva, s/d, p.13), as sessões reflexivas são contextos em que são criadas oportunidades de construção de significados sobre a prática docente em colaboração com um pesquisador externo, caracterizando-se como sessões de discussão.

⁸ A caixa-ambiente se constitui numa possibilidade de planejar o ambiente mediante a utilização de materiais de arte e sucata.

dentre outros, demonstrando o quanto eles têm clareza do que é um bom ambiente para educação infantil.

Complementando a intervenção do NEI: P&E/ UERJ, uma turma do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ (PROARQ) participou da quarta etapa⁹. Os alunos fizeram uma análise sobre a qualidade do ambiente construído. Como resultado foram produzidos quatro trabalhos da disciplina Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído (LIMA et al, 2007; RAMIRES et al, 2007; MOURA & FRAGOSO, 2007; MENDONÇA et al 2007¹⁰), nos quais foram analisados fatores técnico-construtivos (materiais, padrão construtivo, conforto ambiental etc.), fatores funcionais (adequação, segurança, circulações, acessibilidade, escala etc.) e fatores comportamentais (cognição, atitude, imagem etc.). Os instrumentos utilizados foram a observação compartilhada e outras ferramentas da Avaliação Pós-Ocupação (APO), como a análise *walkthrough*, os questionários, as entrevistas, os mapas cognitivos e os poemas dos desejos (*Wish Poems*)¹¹.

A quinta etapa ocorreu em julho de 2007, quando dois projetos de pesquisa sobre a organização espacial foram apresentados a todos os educadores e à direção da creche. O primeiro foi o projeto de mestrado (PROARQ/UFRJ), de Héliide Cristina Steenhagen Blower, continuação do anteriormente citado¹². O segundo, de doutorado (PROPED/UERJ), de Ana Rosa Picanço Moreira, tem como foco o arranjo espacial das turmas de berçário.

Como resultado dessa etapa, em janeiro de 2008, durante a semana pedagógica organizada pela direção, pudemos registrar, através da videogravação, os novos arranjos das salas de atividades produzidos pelos educadores. Notamos que as discussões que haviam sido feitas sobre a importância da organização espacial estavam sendo apropriadas pela direção e pelos educadores, que procuraram estruturar as diferentes dimensões das salas – paredes, teto e chão – com variados objetos, como painéis, cantinhos temáticos, móveis e outros, organizando as salas para receber as crianças no período de inserção.

Algumas mudanças estruturais na creche podem ser sentidas. Dentre elas, ressaltamos a re-

estruturação arquitetônica das salas dos Berçários II (50 e 51), projetada pela direção, acatando sugestão dos educadores e de algumas famílias, que demonstraram o desejo de ver seus filhos nas salas de atividades através de uma vidraça. Anteriormente, as salas eram separadas parcialmente por uma divisória que apresentava numa extremidade uma pequena abertura com cerca, onde as crianças freqüentemente se comunicavam. Embora a abertura favorecesse interações interessantes de crianças das duas turmas, as atividades dirigidas eram prejudicadas pelo som vindo de uma sala para outra. Por tal razão, a direção providenciou a separação das salas por uma divisória até o teto, com vidro na altura das crianças, de modo a preservar a interação visual das duas turmas, dar visibilidade da sala às famílias das crianças, anteriormente isoladas, além de preservar a privacidade sonora de cada grupo.

O *wish poem*¹³ (SANOFF, 1991) apontou para a necessidade da creche colocar armários suspensos nas três salas de berçários para guardar os materiais de trabalho dos educadores e suportes para as mochilas das crianças.

A sexta etapa caracterizou-se pela introdução nas salas dos berçários de almofadas de grandes dimensões (duas por sala) com motivos de animais (joaninha, sapo, jacaré, leão e gato), com o objetivo de promover interações mais duradouras e com enredos sofisticados, facilitando o desenvolvimento da oralidade, da imaginação e das brincadeiras compartilhadas dos bebês. Essa foi a primeira intervenção direta da pesquisa de doutorado ora citada. Como resultado, as crianças das turmas dos Berçários utilizaram as almofadas como estruturadores móveis, deslocados para cima dos colcho-

⁹ Nós, autoras deste artigo, fazemos parte do GAE (Grupo Ambiente Educação) - www.fau.ufrj.br

¹⁰ Esse trabalho deu origem à pesquisa de mestrado de Héliide Cristina Steenhagen Blower.

¹¹ Maiores detalhes são encontrados no artigo de Azevedo et al. (2008): “Uma abordagem transdisciplinar e inclusiva da criança na avaliação e na concepção de ambientes construídos para a educação Infantil”.

¹² Resultou na dissertação intitulada “O lugar do ambiente na educação infantil: estudo de caso na creche Doutor Paulo Niemeyer”, sob a orientação da Profa Giselle Arteiro e Profa Vera Vasconcellos (PROARQ/FAU/UFRJ), defendida em 28/02/08.

¹³ Essa metodologia consiste em o usuário ou futuro-usuário desenhar ou escrever o que gostaria que a creche fosse ou o que ela tivesse.

netes e para as áreas próximas das paredes. As crianças mais velhas dos Berçários II também criaram pequenos enredos para esses bichinhos.

A sétima foi pautada num aspecto do ambiente apontado pelos educadores como sensível, qual seja, a necessidade de eles terem um espaço reservado e seguro para o material de trabalho. Na busca de levá-los a refletir sobre o arranjo dos próprios espaços, entregamos alguns cestos e caixas de vime¹⁴ para que eles comessem essa organização. O resultado foi a organização dos objetos por caixa de acordo com seu uso. Por exemplo, o material de artes, como papéis, tinta, lápis de cera etc, foi guardado nas caixas maiores. Os remédios das crianças nas menores e os lençóis em caixas sem tampa. As caixas foram colocadas sobre o mobiliário dentro da sala do Berçário I e no espaço entre as salas dos Berçários II.

Seguindo a experiência do registro fotográfico, inicialmente proposto pelas pesquisadoras, os educadores prenderam fotografias das crianças no chão da sala do Berçário I de maneira que elas pudessem tocá-las tanto com as mãos quanto com os pés ou com outra parte do corpo. Isso contribuiu para a apropriação dos espaços da sala pelas crianças que, desde muito cedo, constroem significados sobre o meio que as cerca.

Seguindo com a pesquisa

Ao longo da produção dos dados, vimos que a organização do espaço ganhou um “lugar” diferenciado no trabalho pedagógico da creche. Se, inicialmente, a organização dos espaços era considerada um elemento secundário, na medida em que os educadores participaram da pesquisa, puderam redimensionar a compreensão sobre os aspectos espaciais na ação pedagógica, potencializando os ambientes das salas de atividades.

Também, ao darmos ênfase à participação dos educadores no processo investigativo, contribuimos para a sua formação permanente, de modo a provocar um repensar coletivo das ações cotidianas naturalizadas. Como assinala Silva (s/d, p. 2):

... a ação dos pesquisadores da universidade e da creche para investigar as suas próprias ações, está sendo compreendida e examinada como um pro-

cesso de colaboração em que juntos analisam práticas, refletem criticamente e argumentam para a (des)construção de ações cotidianas e de interesses que realmente embasem as práticas no espaço da creche.

As sessões reflexivas possibilitaram que os educadores se colocassem diante das dificuldades e construíssem, coletivamente, saídas possíveis para os impasses institucionais. Assim, restos de materiais se transformaram em sucatas para a confecção de elementos de estruturação dos espaços: tapetes, painéis e almofadas.

Revedo (com as fotos) as etapas percorridas, vemos que a primeira teve um valor de “denúncia”. Os lugares fotografados mostravam as deficiências do ambiente, o que faltava ou que precisava de reparo. Os educadores apontavam o que deveria ser cobrado da direção, apresentando uma ausência de envolvimento e responsabilidade com os problemas.

Na segunda etapa (sessão reflexiva), procurou-se partilhar com todos os envolvidos a necessidade de busca de soluções mais imediatas, em alguns casos soluções simples, até mesmo temporárias.

Na terceira etapa (caixa-ambiente), os educadores foram envolvidos na possibilidade de pensar juntos, enquanto equipe, o melhor ambiente para cada sala. Nesse momento, ficou clara a distância entre o sonho e a realidade. Em alguns casos, as caixas produzidas eram lindas, porém muito distantes das possibilidades reais. Também ficou evidente o quanto os educadores têm clareza do que deve ser encontrado numa sala de educação infantil.

Quanto à quarta etapa, que começou com o envolvimento dos alunos do PROARQ/UFRJ, já havia na equipe da creche uma maior compreensão das intenções de nossa pesquisa, voltada para o espaço/lugar. A colaboração de todos foi bastante produtiva, culminando com a quinta etapa, em que duas pós-graduandas (uma mestranda e outra doutoranda) apresentaram suas propostas e puderam, definitivamente, contar com a equipe de educadores da creche na sustentação das mesmas.

¹⁴ Foram 7 cestos de diferentes tamanhos: 4 com tampa e 3 sem tampa.

O ano de 2008 começa com os educadores produzindo, através de materiais reciclados, muitos enfeites e belas decorações para as diferentes salas, o que foi por nós registrado em vídeo, servindo para novas discussões (sessões reflexivas) sobre organização espacial. No meado do ano, reestruturações espaciais foram promovidas pela direção, acatando sugestões não só das educadoras e pesquisadoras, como das famílias.

Na sexta etapa, introduzimos animais/almofadas, na tentativa de pensarmos os artefatos como facilitadores das interações de crianças. As almofadas não só ajudaram na estruturação do ambiente, como ampliaram o repertório de propostas pedagógicas para os educadores e de brincadeiras para as crianças.

A sétima etapa buscou atender às demandas dos educadores, porém dando a eles a autonomia de uso, destino e função de 7 cestas de vime (3

sem tampa e 4 com tampa). Nosso propósito foi levá-los a tomar a si a responsabilidade da organização e estruturação de seus espaços e objetos, para, então, convidá-los a seguir pensando na estruturação dos ambientes para e com as crianças.

Notamos que as reflexões coletivas têm provocado mudanças significativas que vão além das práticas educativas, visto que afetam a estrutura institucional na qual essas práticas se dão. Seguimos com nossa pesquisa, refletindo com os educadores as soluções encontradas pelas equipes para as diferentes demandas delas mesmas, das crianças e da própria pesquisa, assim como ressignificando os achados investigativos citados na primeira parte deste artigo. Esperamos que a experiência com esta metodologia seja uma contribuição para outras pesquisas que privilegiem o viés interventivo no contexto de investigação.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, G.A.N. et al. Uma abordagem transdisciplinar e inclusiva da criança na avaliação e na concepção de ambientes construídos para a educação infantil. In: DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P.A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. **O lugar do projeto: no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.
- BLOWER, H. C. S. **O lugar do ambiente na educação infantil: estudo de caso na creche Doutor Paulo Niemeyer**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BONFIM, J. **Trocas sociais de crianças de 1-2 anos e arranjos espaciais em creches**. 2006. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. 3 v.
- _____. Parecer nº 04, de 06 de setembro de 2000. Parecer normativo sobre as diretrizes operacionais para a educação infantil. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/pdf/PCB004v03.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.
- _____. Resolução 01, de 07 de abril de 1999. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 13 abr. 1999. Seção 1, p.18.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 2006.
- BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, p.513-531, 1977.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. **Arranjo espacial e distribuição de crianças de 2-3 anos pela área de atividades livres em creche**. 1990. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1990.
- _____. Psicologia ambiental: algumas considerações. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v.9, n.2, p.435-447, 1993.
- _____. O porquê da preocupação com o ambiente físico. In: ROSSETTI-FERREIRA, M.C. e cols. **Os fazeres na educação infantil**. 2. ed. rev. e ampl. . São Paulo: Cortez, 2000.

- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. Psicologia ambiental e do desenvolvimento: o espaço em instituições infantis. In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R.S.L. (Orgs.) **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea. 2004.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I.; MINGORANCE, R.C. Zonas circunscritas e ocupação do espaço por crianças pequenas em creche. **Revista Interamericana de Psicologia**, Porto Alegre, v.33, n.2, p.67-89, 1999.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I.; MENEGHINI, R.; MINGORANCE, R.C. Arranjo espacial e formação de pares entre crianças de 2-3 anos em creches. **Psico**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p.117-137, 1996.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I.; PADOVANI, . Agrupamentos preferenciais e arranjos espaciais em creches. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.5, n.2, p.443-470, 2000.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I.; RUBIANO, M.R.B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z.M.R. **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez. 1994.
- COELHO, G. do N. Brincadeiras na favela: a constituição da infância nas interações com o ambiente. In: VASCONCELLOS, V.M.R. de; SARMENTO, M.J. (Orgs.) **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.
- DAVID, T.G.; WEINSTEIN, C.S. The built environment and children development. In: WEINSTEIN, C.S.; DAVID, T.G. (Eds.) **Spaces for children: the built environment and child development**. New York: Plenum, 1987. p.3-17.
- FARIA, A.L.G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, A.L.G.; PALHARES, M.S. (Orgs.) **Educação pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados / UNICAMP, 1999. p. 67-97. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 62).
- FRAGA, A.V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HORN, M. da G.S. O papel do espaço na formação e na transformação do educador infantil. **Revista Criança**, Brasília: MEC, n.38, p.27-30, jan. 2005.
- LEGENDRE, A. Appropriation par les enfants de l'environnement architectural. **Enfance**, Paris, n.3, p.389-395, 1983.
- _____. L'expérimentation écologique dans l'approche des comportements sociaux de jeunes enfants en groupe. In: BAUDONIERE, P. M. (Ed.) **Etudier l'enfant de la naissance à 3 ans**. Paris: CNRS, 1985. p.165-181. (Collection comportements).
- _____. Effect de transformations de l'espace d'activités sur les échanges sociaux de jeunes enfants en creche. **Psychologie Française**, Paris, v. 32, n.1/2, p.31-43, 1987.
- _____. **Toddler's social development in day-care centers: an environmental perspective**. 2000. Trabalho apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento. Niterói, 2000.
- LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.
- LIMA, A.; CLAPER, J.; PINHO, M.; FULCHE, R. **Relatório final de avaliação de desempenho do ambiente construído**. Trabalho de Conclusão da Disciplina (Avaliação de desempenho do ambiente construído) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- LOPES, J.J.M. Espaço, lugar e territórios de identidade: a invisibilidade das crianças migrantes. In: VASCONCELLOS, V.M.R. de; SARMENTO, M.J. (Orgs.) **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p.151-172.
- MENEGHINI, R.; CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. Arranjos espaciais e agrupamentos de crianças pequenas em creches. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.7, n.1, p.63-78, 1997.
- MENEGHINI, R.; CAMPOS-DE-CARVALHO, M.I. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre: UFRGS, v. 16, n.2, p.367-378, 2003.
- MENDONÇA, A.; BLOWER, H.C.; PÁSCOA, O. **Creche Paulo Niemeyer: questões cognitivas**. Trabalho de final da disciplina (Avaliação de desempenho do ambiente construído) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- MOREIRA, A.R.C.P. **Transformações espaciais e interação social entre crianças de dois anos de idade: uma proposta educacional para a creche**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1992.

MOURA, M.; FRAGOSO, T. **Creche Paulo Niemeyer** Trabalho de final da disciplina (Avaliação de desempenho do ambiente construído) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OLDS, A.R. Designing settings for infant and toddlers. In: WEINSTEIN, C.S.; DAVID, T.G. (Eds.). **Spaces for children: the built environment and child development**. New York: Plenum, 1987. p.117-138.

OLIVEIRA, R. **Creche: lugar de gente feliz**. 2007. TCC de graduação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Z.M.R. de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção docência em formação).

RAMIRES, G.; CARDOSO, S.Z.; DELVIZIO, V. **Avaliação pós-ocupação do edifício da creche municipal Paulo Niemeyer/RJ**. 2007. Trabalho de final de curso da disciplina Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído, PROARQ/FAU/UFRJ, 2007.

SANOFF, H. **Visual research methods in design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

SANTANA, Claudia; VASCONCELLOS, V. M. R.; FONTOURA, Helena do Amaral. Vygotsky e arquitetura das interações: um estudo sobre o arranjo espacial na educação infantil. In: FREITAS, Maria Teresa; FISCHER, Bernard. **Crianças e adolescentes em perspectiva: a ótica das abordagens qualitativas**. Juiz de Fora: FEME, 2002. 1 CD-ROM. (ISBD 8586-9131)

SILVA, L.S. P. **A creche como espaço de formação em contexto colaborativo**. Mimeografado.

TUAN, Y-FU. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em 03.12.08
Aprovado em 03.12.08